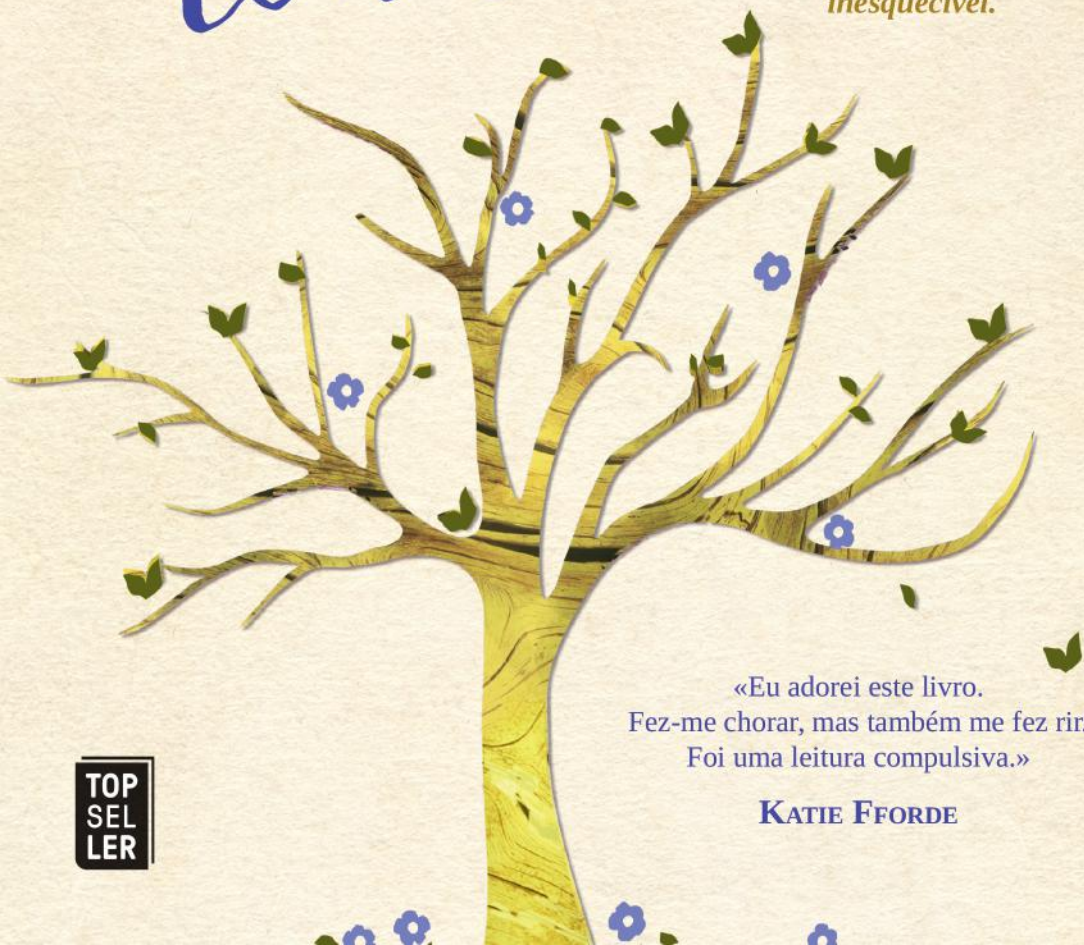


ROWAN COLEMAN

AUTORA BESTSELLER

O dia  
em que te  
conheci

*A memória e o amor,  
entrelaçados numa história  
inesquecível.*



«Eu adorei este livro.  
Fez-me chorar, mas também me fez rir.  
Foi uma leitura compulsiva.»

KATIE FFORDE

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha mãe, Dawn*

O tempo transformou-os em  
Falsidade. A fidelidade férrea  
Com que não contavam transformou-se  
No seu brasão final, para provar  
Que o nosso quase instinto era quase verdade:  
A única coisa que nos sobrevive é o amor

*An Arundel Tomb, Philip Larkin*

## PRÓLOGO

.....

O Greg está a olhar para mim, mas pensa que eu não sei. Estou há quase cinco minutos a picar cebolas em cima da bancada da cozinha e consigo ver o reflexo dele — ao contrário, convexo e esticado — na chaleira cromada que recebi como presente de casamento. Ele está sentado à mesa da cozinha a observar-me.

Na primeira vez que me apercebi que olhava para mim assim, achei que devia ter qualquer coisa entalada nos dentes, uma teia de aranha na cabeça ou qualquer coisa do género, porque não me ocorria nenhum outro motivo para o meu jovem e sedutor empregado estar a fitar-me. Principalmente num dia em que trazia vestidas umas calças de ganga velhas e uma t-shirt, com o cabelo apanhado num carrapito, porque me preparava para pintar o sótão novinho em folha — a divisão que marcou o início de tudo.

O último dia dele aproximava-se do fim; há mais de um mês que andava a trabalhar na minha casa. O tempo continuava quente, principalmente lá em cima, apesar de as novas janelas *Velux* estarem abertas. Encharcado em suor, desceu as escadas recolhíveis acabadas de instalar. Ofereci-lhe um copo de limonada com muito gelo e ele bebeu-o de uma assentada, com os músculos da garganta a moverem-se enquanto engolia. Acho que ao ver a sua gloriosa perfeição devo ter suspirado em voz alta, porque ele olhou para mim com uma expressão curiosa. Soltei uma gargalhada e encolhi os ombros; ele sorriu-me também e baixou os olhos para as botas.

Servi-lhe mais um copo de limonada e voltei para a minha última caixa — as coisas da Caitlin — sabendo que era apenas mais uma caixa de coisas que não conseguia deitar fora e que em vez disso acabaria a atafulhar a garagem. Foi nesse momento que o senti a olhar para mim. Mexi no cabelo, à espera de lá encontrar alguma coisa, e passei a língua pelos dentes.

— Está tudo bem? — perguntei-lhe, enquanto me questionava se ele estaria a tentar arranjar uma maneira de me dizer que a minha conta duplicara.

— Tudo ótimo — respondeu. Era, e ainda é, um homem de poucas palavras.

— Ainda bem; já acabou os trabalhos? — perguntei, ainda preparada para as más notícias.

— Sim, já está tudo — disse ele. — Então...

— Oh, meu Deus! Quer que lhe pague. Desculpe. — Senti-me corar enquanto procurava o livro de cheques na gaveta da cozinha, que não estava lá — nunca estava onde devia. Corada, olhei em redor e senti os olhos dele cravados em mim, enquanto me tentava lembrar de onde vira os cheques pela última vez. — Sei que está algures por aqui...

— Não há pressas — disse ele.

— Tinha-o comigo quando estive a pagar umas contas, por isso... — continuei a tagarelar e, para ser sincera, desesperada que ele se fosse embora, para poder respirar fundo e beber o resto da garrafa de Grigio que me esperava no frigorífico.

— Pode pagar-me noutra altura — disse ele. — Por exemplo, quando sair comigo para bebermos um copo.

— Desculpe? — disse, parando de procurar dentro de uma gaveta que aparentemente estava cheia de elásticos. Devia tê-lo ouvido mal.

— Quer vir beber um copo comigo? — perguntou, hesitante. — Normalmente não convido as minhas clientes para saírem comigo, mas... você não é normal.

Soltei uma gargalhada, e foi a sua vez de corar.

— Não era bem isto que queria dizer — defendeu-se, cruzando as mãos à frente do peito.

— Está a convidar-me para um encontro? — perguntei, só para confirmar, porque a situação parecia-me toda tão absurda que tive de dizer as palavras em voz alta para me certificar de que as entendera corretamente. — A mim?

— Sim, aceita?

— Está bem — respondi. Para ele tudo parecia tão perfeitamente plausível: eu e ele, dez anos de diferença entre ambos, num encontro a dois. — Porque não?



Essa foi a primeira vez que o vi a olhar para mim; olhou-me com uma certa mescla de ânsia e alegria, e senti-me instantaneamente espelhada por dentro, como se o meu corpo respondesse à sua chamada de uma forma que a minha mente não conseguia controlar. Sim, desde essa altura que sinto os olhares dele muito antes de os ver. Sinto os cabelos a eriçarem-se na nuca, e uma sensação de antecipação abate-se sobre mim num longo e delicioso tremor, porque sei que pouco tempo depois de olhar para mim, ele me vai tocar e beijar.

Agora, sinto a sua mão no meu ombro e encosto o rosto aos seus dedos.

— Estás a chorar — disse-me.

— Estou a picar cebolas — respondo, pousando a faca e virando-me para olhar para ele. — Sabias que a única coisa que a Esther quer comer é a lasanha caseira da mamã? Por isso, devias observar-me enquanto a faço, para aprenderes a receita. Primeiro, picas a cebola...

— Claire... — O Greg impede-me de pegar novamente na faca e vira-me para si. — Claire, temos de falar sobre isto, não temos?

Estava com um ar tão inseguro, tão perdido e relutante que só me apetecia dizer que não — não, não precisamos de falar sobre isto, podemos simplesmente fazer de conta que hoje é igual a ontem e a

todos os dias anteriores em que não sabíamos como as coisas eram na verdade. Podemos fazer de conta que não sabemos, e quem sabe durante quanto tempo seremos capazes de continuar a nossa vida assim, tão feliz, tão perfeita?

— Ela gosta de muita polpa de tomate no molho — digo.  
— E também de uma boa colherada de ketchup...

— Não sei o que fazer nem o que dizer — diz o Greg, com a voz a quebrar durante a inspiração. — Não sei bem como me comportar.

— E depois, mesmo no fim, adicionas uma colher de chá de *Marmite*.

— Claire — diz com um soluço, puxando-me para os seus braços. Fico aqui, envolta no seu abraço, com os olhos fechados, a inspirar o seu aroma, braços caídos ao lado do corpo e a sentir o coração a bater-me descontrolado dentro do peito. — Claire, como vamos contar às meninas?

SEXTA-FEIRA, 13 DE MARÇO DE 1992  
A CAITLIN NASCEU

**E**sta é a pulseira que te deram no hospital — é cor-de-rosa porque és uma menina. A inscrição diz «Bebé Armstrong». Colocaram-na em volta do teu tornozelo, mas estava sempre a escorregar, porque eras tão pequenina; chegaste exatamente um mês antes do esperado. Devias ser um bebé de abril. Imaginara narcisos, céu azul e os chuviscos de abril, mas decidiste nascer um mês mais cedo, numa sexta-feira fria e molhada, e ainda para mais uma sexta-feira 13 — não que nos tivéssemos preocupado muito com isso. Se alguma vez alguém nasceu para ultrapassar os maus agoiros foste tu, e sabias bem disso, porque anunciaste-te ao mundo com um grito poderoso — não com um choro ou com um gemido, mas com um verdadeiro rugido de intenção, pensei na altura. Com uma declaração de guerra.

Durante muito tempo, não estive mais ninguém connosco. Porque chegaste mais cedo e porque a avó vivia muito longe. Assim, durante as primeiras seis horas estivemos só nós as duas, tu e eu. O teu cheiro era tão doce, como um bolo, e o teu corpo era tão quentinho e... absolutamente como devia ser. Estávamos mesmo ao fundo da maternidade e deixámo-nos ficar com a cortina corrida. Conseguia ouvir as outras mães a conversar, as visitas a entrar e a sair, os bebés a chorar, agitados, mas não queria fazer parte de nada daquilo. Não queria, nunca mais, fazer parte de nada a não ser de ti e de mim. Segurei-te nos meus braços, tão pequenina e engelhada como um botão de flor que espera pela sua oportunidade de florescer, e deixei-me ficar a olhar para ti, a dormir contra o meu peito, com uma expressão muito severa no rosto minúsculo,



*e disse-te que ia correr tudo bem, porque estávamos juntas: éramos o Universo inteiro e nada mais importava.*

## CAPÍTULO UM

### ..... CLAIRE

**T**enho mesmo de me afastar da minha mãe: ela está a dar comigo em doida, o que até seria engraçado, se não fosse já essa a minha inclinação natural. Não, não sou doida, também não me exprimi bem. Sinto-me apenas bastante zangada.

Foi a expressão no rosto dela, quando saímos da consulta do hospital; a mesma expressão que manteve até chegar a casa. Estoica, resoluto, forte mas sem vida. Não disse as palavras, mas conseguia ouvi-las a troar na sua mente: «Isto é tão típico da Claire. Dar cabo de tudo, logo agora que as coisas estavam a melhorar.»

— Eu venho viver para aqui — diz, embora, na verdade, já o tivesse feito de forma bastante evidente, instalando-se secretamente no quarto de hóspedes, como se eu não desse por ela, e colocando os seus objetos pessoais na prateleira da casa de banho. Sabia que ela viria assim que descobrisse. Sabia que viria e acho que queria que viesse; mas gostava que me tivesse perguntado, ou de que esperasse que lhe pedisse. Em vez disso, instalou-se simplesmente, toda cheia de falinhas mansas e olhares lamentosos. — Fico no quarto de hóspedes.

— Não ficas, não. — Viro-me para olhar para ela enquanto conduz. É uma condutora extremamente cuidadosa, lenta e precisa. Eu já não tenho autorização para conduzir, não desde que quase assassinei aquele marco do correio, coisa que originou uma multa muito mais alta do que se poderia imaginar, uma vez que o marco é propriedade de Sua Majestade, A Rainha. Se atropelarmos um

*corgi*<sup>1</sup> deve ser igual: se atropelarmos um *corgi* provavelmente mandam-nos para a Torre. A minha mãe é uma condutora muito cuidadosa, no entanto nunca olha para o espelho retrovisor quando faz marcha-atrás. É como se sentisse que, relativamente a este assunto, é mais seguro fechar simplesmente os olhos e esperar pelo melhor. Eu costumava adorar conduzir; adorava a liberdade e independência e saber que, se me apetecesse, podia ir a qualquer lugar. Não me agrada que as minhas chaves do carro tenham desaparecido, que se tenham esfumado sem ter sequer a oportunidade de me despedir delas; agora estão escondidas num sítio qualquer onde nunca as irei encontrar. Sei isto porque já as procurei. Acho que ainda conseguia conduzir. Desde que ninguém pusesse nada à minha frente.

— Ainda não é tão grave que precisas de te mudar — insisto, embora ambas saibamos que a minha mãe já se mudara. — Ainda há muitas alturas em que não preciso de qualquer ajuda. Quer dizer, basta ouvires-me. Ainda consigo conversar e pensar em... — aceno com o braço, obrigando-a a baixar a cabeça e olhar por baixo da minha mão, que pouso em cima do colo, de modo apologetico. — Coisas.

— Claire, este não é um dos casos em que podes enfiar a cabeça na areia. Acredita em mim, sei bem do que falo.

É claro que sabe: já passou por isto antes, e agora, graças a mim, ou se quisermos ser muito precisos, graças ao meu pai e ao seu ADN rufia, a minha mãe tem de voltar a enfrentar esta questão. E não estamos a falar da possibilidade de eu fazer algo sensato, como morrer rapidamente e sem espalhafato, com todas as faculdades intactas, enquanto lhe seguro na mão e lhe agradeço, com uma expressão serena no rosto, e profiro palavras sábias que guiarão as minhas filhas pela vida fora. Não, o chato do meu corpo jovem e relativamente em forma irá continuar a viver muito depois de ter abandonado o meu pequeno e espapaçado cérebro, até ao momento em que

---

<sup>1</sup> Referência ao facto de a rainha de Inglaterra, Isabel II, fazer criação de cães da raça *corgi*. [N. do E.]

me esquecerei de inspirar, expirar e inspirar novamente. Sei que é nisso que a minha mãe pensa. Sei que a última coisa que quer no mundo é ver a filha a desvanecer e a mirrar, como aconteceu com o marido. Sei que isto a deixa destroçada e que está a dar o seu melhor para ser corajosa e ficar ao meu lado, e no entanto... Fico tão zangada com ela. A bondade da minha mãe deixa-me zangada. Durante toda a minha vida, tentei provar que conseguia crescer o suficiente para não precisar que andasse sempre a salvar-me de tudo. E durante toda a minha vida estive errada.

— Na verdade, mãe, *sou* a única que pode enfiar a cabeça na areia — digo, olhando pela janela. — *Sou* a única que pode ignorar por completo o que me está a acontecer, porque na maior parte do tempo nem vou dar por nada.

Não deixa de ser engraçado: digo estas palavras em voz alta, sinto o medo que me provocam no fundo do estômago, mas é como se não fizesse parte de mim. Parece que estava tudo a acontecer a outra pessoa qualquer, este horror.

— Isso não é verdade, Claire — comenta a minha mãe, já aborrecida, como se pensasse verdadeiramente que eu não me importava com isto e não que o dizia simplesmente para a irritar. — Então e as tuas filhas?

Não respondo porque de repente fico com a boca tão cheia de palavras, que não se vão formar como deve ser, nem significar nada do que preciso que signifiquem. Por isso continuo calada, a olhar pela janela, para as casas que passavam, uma por uma. Já está quase escuro, os candeeiros das salas de estar estão ligados, as televisões tremeluzem por trás das cortinas. É claro que me preocupo. É claro que vou sentir falta disto, desta vida. De cozinhas cheias de vapor nas noites de inverno, de cozinhar para as minhas filhas, de as ver crescer: são estas as coisas pelas quais nunca vou passar. Nunca vou saber se a Esther continuará a comer as ervilhas uma por uma, ou se o seu cabelo será sempre louro. Se a Caitlin viajará pela América Central, como planeia fazer, ou se fará algo inteiramente diferente com que ainda nem sonha. Nem sequer saberei que desejo ainda

não sonhado será esse. As minhas filhas nunca me irão mentir sobre os sítios onde vão, nem virão ter comigo para contar os seus problemas. São estas as coisas de que terei saudades, porque nessa altura já estarei noutra sítio e nem saberei que as estou a perder. É claro que me preocupo, caramba!

— Bem... Terão o Greg, presumo. — A minha mãe parece-me cética enquanto continua com a conversa, determinada que está em discutir como será o mundo quando eu já não fizer parte dele, embora com isto demonstre uma falta de tato absolutamente espetacular. — Isso se ele se conseguir aguentar.

— Ele aguenta-se — respondo. — Aguenta. É um pai maravilhoso.

Mas não tenho bem a certeza se isto é verdade. Não tenho a certeza de ele ser capaz de aceitar o que está a acontecer e não sei como o posso ajudar com isso. É um homem tão bom, tão generoso. Mas ultimamente, desde o diagnóstico, sinto-o a transformar-se cada vez mais num estranho. De cada vez que olho para ele vejo-o um pouco mais afastado de mim. A culpa não é dele. Consigo perceber que ele quer estar presente, que quer ser corajoso e forte por mim, mas acho que talvez a enormidade de tudo isto, de tudo o que está a acontecer, quando na verdade começámos a nossa vida em conjunto há tão pouco tempo, o esteja a massacrar aos poucos. Dentro de pouco tempo não o irei reconhecer de todo; já sinto dificuldade em reconhecer os sentimentos que nutro por ele. Sei que ele é o último grande amor da minha vida, mas já não o sinto. Não sei como, mas o Greg é a primeira coisa que estou a perder. Lembro-me da nossa história de amor, mas é como se a tivesse sonhado, como aconteceu com a Alice do outro lado do espelho.

— Tu, acima de qualquer outra pessoa. — A minha mãe não consegue evitar dar-me um sermão, de ralhar comigo por ser portadora do segredo terrível da nossa família, como se tivesse causado aquilo a mim mesma por ser tão má menina. — Tu, que sabes como foi crescer sem um pai. Temos de fazer planos para elas, Claire. As tuas filhas estão a perder a mãe e tens de te certificar de que elas ficarão bem quando já não fores capaz de olhar por elas!

Trava subitamente numa passadeira, causando um coro de buzinas atrás de si, quando uma menina que parecia demasiado pequena para andar sozinha na rua se apressa a atravessar a estrada, encolhida por causa da chuva. Através da luz dos faróis vejo que leva um saco de plástico fino, azul, com o que parecem ser quatro garrafas de leite que lhe batem contra as pernas magras. Ouço a quebra na voz da minha mãe, a pairar sob a frustração e a fúria. Ouço a sua dor.

— Sei bem disso — respondo, subitamente exausta. — Sei que tenho de fazer planos, mas estava à espera, tinha esperanças. Esperava poder apreciar o meu casamento com o Greg e envelhecer ao lado dele, esperava que os medicamentos pudessem abrandar um pouco as coisas. Agora que já sei... Bem, agora sei que não há esperança, pelo que me vou organizar melhor, prometo. Vou fazer um quadro de tarefas, manter uma escala.

— Não te podes esconder disto, Claire. — Insiste em repetir-se.

— Achas que não sei isso? — Grito. Por que motivo faz sempre isto? Porque me pressiona sempre até ter de gritar com ela; parece que não se convence de que a estou a ouvir e só fica satisfeita quando me faz perder a cabeça. Foi sempre assim entre nós: amor misturado com fúria em quase todos os momentos que passámos juntas. — Achas mesmo que não sei o que lhes fiz, ao dar-lhes esta vida insignificante?

A mãe entra para o caminho de acesso a uma casa — a minha casa, como percebi um segundo tarde demais — e sinto as lágrimas a aflorarem-me os olhos contra a minha vontade. Bato com a porta do carro e não me dirijo para casa; em vez disso começo a andar à chuva, arrastando as pontas do casaco de malha atrás de mim e subindo a rua num ato de desafio.

— Claire! — grita a minha mãe desde trás. — Já não consegues fazer isso!

— Ora vê — respondo, mas não para ela; para a chuva, sentindo as pequenas gotas a caírem-me nos lábios e na língua.

— Claire, por favor. — Já mal a ouço, mas continuo a andar. Vou mostrar-lhe; vou mostrar-lhes a todos. Ainda consigo andar!

Ainda consigo andar, caramba! Ainda não me esqueci de como se faz. Vou só até ao fim da rua, onde uma estrada se cruza com a outra e depois volto para trás. Seria como o Hansel a seguir o seu rasto de migalhas. Não vou para longe. Mas preciso de fazer isto. Preciso de ir até ao fundo da rua e voltar para trás. Embora já esteja a ficar mais escuro e as casas por ali sejam todas parecidas: bem arrançadas, encostadas umas às outras, como era característico nos anos trinta. E o fundo da rua não é tão perto como julgava.

Paro por um instante, sentindo a chuva a cair-me na cabeça como minúsculas agulhas de água gelada. Viro-me. A mãe não está atrás de mim: não me seguiu. Pensei que talvez o fizesse, mas não fez. A rua está vazia. Será que já cheguei ao fundo da estrada e virei para algum lado? Não sei ao certo. Em que direção caminhava? Estava a ir ou a voltar? De onde? As casas são exatamente iguais em ambos os lados da rua. Fico parada, muito quieta. Deixei a minha casa há menos de dois minutos e agora não tenho a certeza de onde fica. Um carro passa por mim depressa e salpica-me as pernas com água gelada. Não trouxe telefone, e de qualquer maneira nem sempre me lembro de como se usa. Perdi os números. Embora continue a olhar para eles e saiba que são números, já me esqueci de qual era qual, e que ordem seguiam. Mas ainda sei andar, por isso começo a andar na direção em que o carro que me molhou vinha. Talvez seja um sinal. Saberei qual é a minha casa quando a vir porque as cortinas são de seda vermelho-clara e a luz da sala fá-las brilhar. Lembra-te disto: tenho cortinas vermelhas brilhantes na janela da minha casa e uma das vizinhas disse que isso me fazia parecer «descontraída». Vou lembrar-me das cortinas vermelhas brilhantes. Não tarda estarei em casa. E vai ficar tudo bem.



A consulta no hospital não tinha corrido propriamente bem. O Greg também gostaria de ter ido, mas disse-lhe para ir acabar o solário que andava a construir. Disse-lhe que, não obstante o que o médico dissesse, a hipoteca continuava a ter de ser paga e as crianças continuariam

a precisar de ser alimentadas. Ficou magoado por não o querer lá, mas o que o Greg não percebeu foi que eu não aguentava tentar perceber o que a expressão do seu rosto significava ao mesmo tempo que tentava perceber os meus próprios sentimentos. Sabia que se levasse a minha mãe, ela se limitaria a dizer tudo o que lhe passasse pela cabeça, o que era bastante melhor. Era melhor do que ouvir notícias terríveis e ficar para ali a questionar-me se o meu marido estava arrependido de alguma vez me ter posto a vista em cima, se pensaria que, de entre todas as pessoas do mundo que podia ter escolhido, foi logo escolher-me a mim. Por isso, não estava no melhor estado de espírito quando o médico me mandou sentar para falarmos dos resultados da última ronda de exames. Os exames que me fizeram porque tudo estava a acontecer muito mais depressa do que pensaram que acontecesse.

Não me lembro do nome do médico porque é muito comprido, com imensas sílabas, o que para mim é engraçado. Mencionei o facto enquanto estava sentada com a minha mãe à espera de que ele acabasse de olhar para as anotações no monitor e nos desse as más notícias, mas mais ninguém achou divertido. Segundo parece, há um tempo e um lugar para o humor negro.



A chuva está a cair mais depressa agora, e mais forte; quem me dera ter fugido com o casaco. Algum tempo depois, todas as ruas me parecem iguais: casas geminadas dos anos trinta, fila atrás de fila, de ambos os lados da rua. Ando à procura de cortinas, não é? De que cor?

Dobro a esquina, vejo uma fileira de lojas e paro. Terei saído para ir ao café? Era aqui que costumava vir ao sábado de manhã com o Greg e a Esther para comermos um *pain au chocolat* e bebermos um café. Só que agora está escuro, frio e a chover. Pelo que parece, não trago casaco e a minha mão não está a segurar a da Esther; por instantes, abraço o peito com força, com medo de me ter esquecido dela em algum lado. Mas não a tinha comigo quando comecei a caminhar. Se fosse o caso, a esta hora levava o macaquinho dela



na mão, porque insiste sempre em levá-lo quando sai de casa, mas depois não gosta de o carregar. Por isso, vim aqui tomar um café. Estou a aproveitar algum tempo sozinha. Isso é bom.

Atravesso a estrada, e sinto-me grata pela baforada de ar quente que me acolhe quando entro no café. Ao entrar, as pessoas olham para mim. Devo estar com uma bela figura, com o cabelo todo colado ao rosto.

Espero ao balcão, e só então percebo que estou a tremer. Devo ter-me esquecido do casaco. Quem me dera lembrar-me do motivo pelo qual vim ao café. Será que me vim encontrar com alguém? O Greg, talvez? Às vezes venho aqui com o Greg e com a Esther para comermos *pain au chocolat*.

— Está tudo bem, querida? — pergunta-me a rapariga, que deve ter mais ou menos a idade da Caitlin. Está a sorrir-me, por isso talvez a conheça. Ou talvez esteja apenas a ser simpática. Uma mulher que está sentada à minha esquerda com um carrinho de bebé afastou-o um pouco mais de mim. Devo ter um aspeto estranho, como uma senhora que acabou de sair de um lago. Será que nunca viram uma pessoa molhada?

— Um café, por favor — peço.

Sinto o peso dos trocos no bolso das calças de ganga e pego neles fechando a mão em seguida. Não me lembro de quanto custa o café aqui, e quando olho para o quadro por cima do balcão onde sei que os preços costumam estar afixados, estou perdida. Com as moedas na palma da mão, ofereço-as.

A rapariga enruga o nariz, como se o dinheiro em que toquei pudesse de alguma forma estar infetado, e sinto-me muito fria e sozinha. Quero dizer-lhe o motivo da minha hesitação, mas as palavras não me saem — pelo menos, não as certas. É mais difícil dizer as coisas em voz alta do que ouvi-las na minha cabeça. Tenho medo de dizer o que quer que fosse a pessoas que não conheço, no caso de me sair alguma coisa tão ridícula que as faça levarem-me para o hospício para me internarem; e se quando lá chegasse já não me lembrasse do meu nome e...

Olho de relance para a porta. Onde fica este café? Fui ao hospital com a minha mãe, a uma consulta do Dr. Coisinho, não me lembro do nome dele — mas lembro-me de que era bastante engraçado —, e agora estou aqui. O que não percebo é por que motivo estou aqui, nem onde fica o *aqui*. Estremeço ao pegar no café e nas moedas castanhas que a rapariga pousou no balcão; depois vou sentar-me muito sossegada. Sinto que, se me mexer de repente, posso acionar uma armadilha oculta qualquer; que alguma coisa me magoará, ou me fará cair de alguma coisa. Sinto que posso cair de muito alto. Fico sentada quieta e a concentrar-me arduamente na razão que me trouxe aqui e como diabo vou sair de onde estou. Para onde iria? Recordo-me de pequenos detalhes — fragmentos que se aproximam com pedaços de informação que tenho de decifrar, não sei como. O mundo à minha volta está feito em estilhaços.

Não estou a reagir aos tratamentos, pelo menos isso sei. Foi sempre uma probabilidade. A possibilidade de os medicamentos me fazerem alguma coisa eram as mesmas de quando atiramos uma moeda ao ar e escolhemos caras: 50-50. Mas toda a gente esperava que no meu caso o tratamento fizesse toda a diferença. Porque sou muito nova, porque tenho duas filhas, porque uma delas só tem 3 anos e a outra vai ficar para apanhar os destroços. Todos esperavam que corresse bem comigo e que corresse melhor do que alguma vez alguém esperou — até mesmo o médico com o nome comprido e difícil de pronunciar. Também esperei pelo milagre inovador que mudaria tudo. Parecia-me certo que o destino ou Deus me dispensassem, a mim mais do que a qualquer pessoa, uma desobrigação especial devido às minhas circunstâncias atenuantes. Mas o destino ou Deus não fizeram nada disso: quem for responsável por isto tudo está neste momento a dar umas boas gargalhadas à minha custa, pois fez exatamente o contrário. Ou talvez não seja assim tão pessoal. Talvez se trate apenas de acidentes genealógicos que se estendem até milénios atrás, que me tenham trazido até este momento no tempo, fazendo de mim a escolhida para arcar com as consequências. O meu estado está a deteriorar-se muito mais

depressa do que alguma vez se pensou. Tem qualquer coisa que ver com umas pequenas embolias. Sou perfeitamente capaz de me lembrar desta palavra, mas não faço ideia de como se chama aquela coisa de metal que veio com o café e que serve para o mexer. Mas a palavra embolia é muito bonita, quase musical, poética. Pequenos coágulos de sangue que explodem no meu cérebro. É uma coisa nova, os peritos não estavam à espera disto. Faz de mim uma pessoa quase única no mundo, e todos no hospital estão muito entusiasmados com isto, embora tentem disfarçar e fazer de conta que não estão. A única coisa que sei é que quando um destes coágulos explode, lá se vai mais um pedaço de mim — mais uma recordação, um rosto, uma palavra perdida, como eu. Olho em redor e sinto-me mais fria do que antes; apercebo-me de que tenho medo. Não faço a menor ideia de como ir para casa. Estou aqui e sinto-me consciente, mas sair do café parece-me impossível.

Algumas decorações de Natal estão penduradas no teto, o que é estranho. Não me lembro de estarmos no Natal; tenho a certeza de que não é Natal. Mas e se estiver aqui há semanas? E se saí de casa e comecei a caminhar, continuei a caminhar sem parar? Agora posso estar a quilómetros de distância, podem ter passado meses e em casa todos acharem que morri. Devia ligar à minha mãe. Ela deve estar zangada comigo por ter fugido. Costuma dizer-me que se eu quero que ela me trate como um adulto, tenho de me comportar como um. Diz que tudo se resume a confiança. E eu respondo *Bem, então não andes a coscuvilhar nas minhas coisas, cabra*. Não digo a parte da «cabra» em voz alta.

Podia mandar-lhe uma mensagem, mas ela não tem telemóvel. Estou sempre a dizer-lhe que estamos no século xx, que deve manter-se atualizada. Mas ela não gosta de telemóveis. Diz que não gosta de mexer em botões frágeis. Quem me dera que a minha mãe estivesse aqui; quem me dera que estivesse aqui para me levar para casa, porque não sei bem onde estou. Olho atentamente para todo o café. E se a minha mãe estiver aqui e eu me tiver esquecido do seu rosto?

Espera, estou doente. Já não sou uma criança. Estou doente, saí para tomar um café, mas não me lembro porquê. As cortinas da minha casa são coloridas e brilham. Talvez fossem cor de laranja. O cor de laranja diz-me qualquer coisa.

— Olá. — Levanto os olhos. Está aqui um homem. Não devia falar com estranhos, por isso volto a pousar os olhos na mesa. Talvez se vá embora. Não foi. — Está tudo bem?

— Tudo ótimo — respondi. — Bem, tenho frio.

— Importa-se que me sente aqui? Não há mais lugares. — Olho em redor e o café está movimentado, embora consiga ver outras cadeiras vazias. Ele tem bom aspeto, é bonito até. Gosto dos olhos dele. Assinto com a cabeça. Questiono-me se terei palavras suficientes para conseguir conversar com ele.

— Então saiu de casa sem casaco? — pergunta, gesticulando na minha direção.

— Parece que sim! — Respondi cautelosamente. Sorri, para não o assustar. Ele retribui o sorriso. Posso dizer-lhe que estou doente. Talvez me ajude. Mas não me apetece dizer-lhe. Os olhos dele são bonitos. Está a falar comigo como se eu não pudesse cair para o lado a qualquer instante. Não sabe nada sobre mim. Nem eu, mas isso não importa agora.

— Que aconteceu? — pergunta, rindo e exibindo um ar curioso, divertido. Percebo que me apetece inclinar-me na sua direção, o que faz dele uma pessoa magnética.

— Só saí para comprar uma garrafa de leite — digo-lhe, a sorrir. — E fiquei na rua sem chaves. Partilho o apartamento com três amigas e a minha... — Paro mesmo antes de dizer bebé. Por dois motivos. O primeiro, porque sei que agora é o presente e que partilhei casa com três amigas há muitos anos, e nessa altura não tinha filhos. Segundo, porque não quero que ele saiba que tenho uma bebé, que, na verdade, já não é bebé nenhuma. A Caitlin, tenho a Caitlin, que não é uma bebé. Vai fazer 21 anos no próximo ano, e as minhas cortinas são vermelhas e brilham. Lembro-me de que não estou em posição de namoriscar com ninguém: sou casada e mãe de duas filhas.

— Posso oferecer-lhe outro café? — Faz sinal para a rapariga atrás do balcão e ela sorri-lhe como se o conhecesse. Acho reconfortante que a rapariga do café também goste dele. Começo a perder a capacidade de avaliar as pessoas pelas suas expressões faciais e por aquelas pequenas e subtis nuances que nos indicam o que uma pessoa está a pensar e a sentir. Ele pode estar a olhar para mim como se eu fosse maluca. A única coisa em que me posso apoiar são os seus lindos olhos.

— Obrigada. — Ele é bondoso e está a falar comigo como se eu fosse uma pessoa. Não, não é isso; *sou* uma pessoa. Ainda sou uma pessoa. O que quero dizer é que ele está a falar comigo como se eu ainda fosse eu, e gosto disso. Aquece-me o coração e sinto-me estranhamente feliz. Tenho saudades de me sentir feliz — só feliz, sem que todos os momentos de alegria por que passo agora tenham também de estar manchados de tristeza.

— Então ficou sem chave. Alguém lhe vai ligar quando chegar a casa, ou trazer-lhe uma chave?

Hesito.

— Vem aí alguém, daqui a uns minutinhos. — Não faço ideia se isto é mentira. — Vou esperar um pouco e depois volto. — Isto, *sim*, é mentira. Não sei onde estou nem como vou regressar, nem sei para onde regressar.

Ele solta uma risada e olho para ele com azedume.

— Desculpe — sorri. — Mas a verdade é que se parece com um lindo pintainho encharcado, se não se importa que lhe diga.

— Não me importo. Pode dizer mais coisas dessas!

Ele volta a rir.

— Sou uma tonta — digo, mais recetiva ao meu estatuto de não-doente. Sei bem ser apenas eu, não eu com a doença, aquela coisa que agora me define. Encontro um instante de paz e normalidade no meio do turbilhão de incertezas que me rodeia e sinto um enorme alívio. Sinto-me tão grata que sou capaz de o beijar. Em vez disso, falo demais. Sou conhecida por falar demais; costumava ser uma coisa de que as pessoas gostavam em mim. — Sempre fui.

Se há alguma coisa que pode correr mal, vai acontecer-me a mim. Não sei bem porquê, mas é como se fosse um íman para a desdita. Ah, desdita. Ora aí está uma palavra que não se ouve vezes suficientes. — Continuo a tagarelar e não me importo muito com o que estou a dizer em voz alta. Sei apenas que estou aqui, uma rapariga a falar com um rapaz.

— Também sou um bocadinho assim — diz ele. — Às vezes questiono-me se algum dia vou crescer.

— Eu sei que não vou — respondo. — Sei com toda a certeza.

— Tome. — Entrega-me o seu guardanapo de papel. — Está com ar de quem acabou de escapar do apocalipse. Por pouco.

— Um guardanapo de papel? — Aceito e solto uma gargalhada, enquanto passo com o guardanapo no cabelo, no rosto e por baixo dos olhos. Quando o afasto, tem umas manchas pretas, o que quer dizer que a certa altura hoje pus alguma coisa preta nos olhos, um facto que considero reconfortante: coisas pretas nas pestanas querem dizer que os meus olhos vão ficar mais bonitos, que eu vou ficar mais bonita, mesmo que pareça um panda. — É melhor do que nada, acho eu.

— Há um secador de mãos na casa de banho — diz ele, apontando para a porta atrás de si. — Pode secar-se rapidamente. Pelo menos não fica tão ensopada.

— Estou ótima — respondo, dando palmadinhas nos joelhos encharcados, para provar a minha ideia. Não quero sair desta mesa, desta cadeira nem deste café para ir a lado nenhum. Aqui sinto-me quase em segurança, como se estivesse a agarrar-me a um beiral e, desde que não me mexa, tudo correrá bem e não caio. Quanto mais tempo ficar aqui sentada, sem ter de pensar onde estou e como posso ir para casa, melhor. Afasto a sensação de medo e pânico e concentro-me no momento presente. Concentro-me em sentir-me feliz.

— Há quanto tempo é casada? — pergunta, inclinando a cabeça para o anel no meu dedo, que vejo também com alguma surpresa. Parece estar perfeitamente instalado, como se estivesse incrustado

na minha pessoa, e no entanto tenho a sensação de que, de alguma forma, este anel não tem nada que ver comigo.

— É do meu pai — respondo, com palavras que viajam de um tempo distante no passado. — Quando ele morreu, a minha mãe deu-me a aliança dele para que a usasse. Ando sempre com ela. Um dia hei de dá-la ao homem que amar.

Segue-se um instante de silêncio, de desconforto, talvez. O passado e o presente misturam-se novamente e sinto-me perdida. Sinto-me de tal forma perdida, que a única coisa que existe no mundo é este momento, nesta mesa, com esta pessoa que me fala com tanta bondade, aqueles olhos tão agradáveis.

— Talvez a possa convidar para tomar outro café? — Arrisca, soando hesitante e cauteloso. — Quando estiver mais seca e já fora da sua situação desastrosa. Podíamos encontrar-nos aqui ou noutra sítio de que goste. — Estende a mão sobre o balcão e pega num objeto atarracado que serve para escrever, mas que não é uma caneta, e rabisca qualquer coisa no meu guardanapo de papel. — A chuva já parou, quer que a acompanhe a casa?

— Não — respondo. — Você pode ser um louco.

Sorri.

— Nesse caso, ligue-me, sim? Para tomarmos um café?

— Não lhe vou ligar — digo, em tom de desculpa. — Vou estar muito ocupada. E é provável que me esqueça.

Ele olha para mim e solta uma gargalhada.

— Bem, mas se conseguir arranjar um tempinho ou encontrar motivação, dê-me um toque. E não se preocupe; vai conseguir voltar para o seu apartamento. Uma das suas colegas de casa vai aparecer aí não tarda nada, tenho a certeza.

— O meu nome é Claire — digo apressadamente enquanto se levanta. — Não sabe o meu nome.

— Claire. — Sorri. — Tem cara de Claire.

— Que quer dizer com isso? — Solto uma gargalhada. — E você, como se chama?

— Ryan. Devia ter escrito o meu nome no guardanapo.

— Adeus, Ryan — digo, sabendo que dentro de muito pouco tempo ele não será sequer uma recordação. — Obrigada.

— Por quê? — Parece estar perplexo.

— Pelo guardanapo! — respondo, mostrando o pedaço de papel amarrotado e encharcado.

Observo-o a sair do café, enquanto se ri com os seus botões, e desaparece por entre a noite escura. Digo o nome dele repetidamente. Talvez se o disser muitas vezes, ele me fique na memória. Talvez o consiga encontrar. Uma mulher que estava sentada na mesa do lado observa-o enquanto sai. Está a franzir o sobrolho e a sua expressão deixa-me desconcertada. Faz com que me interrogue se o que penso que aconteceu de facto aconteceu — se foi um momento simpático e feliz ou se aconteceu alguma coisa má de que não tive noção, porque ultimamente já não consigo ver as diferenças. Não me sinto preparada para que isso aconteça. Não quero que isso seja verdade já. À exceção de uma tira de céu cor-de-rosa que se vê por entre as nuvens enquanto o sol se põe, na rua já está escuro. A mulher continua a franzir o sobrolho e eu continuo colada à cadeira.

— Claire? — A mulher debruça-se sobre mim. — Estás bem? Que se passa?

Olho para ela, para o rosto suave e ovalado, o cabelo castanho comprido e liso. A expressão dela é de preocupação, parece-me, e acho que me conhece.

— Não sei exatamente como voltar para casa — confidencio, à falta de uma solução melhor.

Ela olha para a porta e é óbvio que repensa o que estava prestes a dizer. Em vez disso, vira-se para mim, novamente com o sobrolho franzido.

— Não te lembras de mim, pois não? Não faz mal, sei do teu... problema. O meu nome é Leslie e as nossas filhas são amigas. A minha filha é a Cassie, do cabelo cor-de-rosa e o *piercing* no nariz? E um gosto pavoroso no que diz respeito a rapazes? Houve uma altura, há cerca de quatro anos, em que as nossas filhas eram inseparáveis.



— Eu tenho Alzheimer — digo. Lembro-me de repente, como se as memórias fossem os últimos raios de sol que trespassam as nuvens, e sinto-me aliviada. — Esqueço-me das coisas. Ou seja, elas vão e vêm. Às vezes vão e já não voltam.

— Eu sei, a Cassie contou-me. Ela e a Caitlin encontraram-se há uns dias, para porem a conversa em dia. Tenho o número da tua Caity, desde aquela altura em que estavam presumivelmente a dormir na casa uma da outra mas, na verdade, tentaram ir para Londres, para a discoteca. Lembras-te disso? Ficámos as duas a noite toda à espera do único comboio que vinha de Londres, até que chegaram a casa por volta das duas da manhã. Nem sequer conseguiram entrar na discoteca. Um homem bêbedo fizera-lhes propostas indecentes no metro e estavam as duas a chorar tanto que nem lhes ralhámos.

— Parecem-me um bom par — digo. A mulher volta a franzir o sobrolho e desta vez decido que é mesmo preocupação e não fúria.

— Vais lembrar-te da Caitlin, se ela vier? — pergunta ela.

— Oh, sim, é claro que sim — respondo. — A Caitlin. Tem cabelo escuro e olhos como lagos de rocha iluminados pelo luar, negros e profundos.

Ela sorri.

— Esqueci-me de que és escritora.

— Não sou escritora — contrário. — Mas tenho um escritório. Ainda tentei escrever, mas não resultou, por isso agora tenho um escritório vazio no piso mais alto da casa. Não tenho lá mais nada a não ser uma secretária, uma cadeira e um candeeiro. Tinha tantas certezas de que ia encher aquele espaço de ideias, mas em vez disso foi ficando cada vez mais vazio. — A mulher volta a franzir o sobrolho e os ombros retesam-se. Estou a falar demasiado e a deixá-la desconfortável. — A coisa que mais me assusta é vir a perder as palavras.

Perturbei-a. Devia mesmo parar de dizer coisas. Agora nunca tenho a certeza do que estou a dizer. Tenho de pensar muito bem. E esperar. Falar demasiado já não é uma das minhas características divertidas ou engraçadas. Comprimo os lábios firmemente.

— Fico aqui sentada contigo, pode ser? Até ela chegar?

— Oh... — ia começar a protestar, mas perco o embalo. — Obrigada.

Ouço-a a fazer o telefonema para a Caitlin. Depois de trocar algumas palavras com ela, levanta-se e sai do café. Enquanto a observo pela janela, iluminada pelo brilho das luzes de rua, percebo que continua a falar ao telefone. Assente com a cabeça e gesticula com a mão livre. Depois o telefonema chega ao fim, inspira profundamente o ar húmido da rua antes de voltar para o café e se sentar na minha mesa.

— Ela chega daqui a uns minutos — diz-me. Parece-me uma senhora tão simpática que não tenho coragem para lhe perguntar de quem está a falar.

## CAPÍTULO DOIS

.....

### CAITLIN

**A**bro a porta da frente para a minha mãe entrar, depois recuo e guardo a chave no bolso. Ela já não tem chave de casa, o que é uma das coisas de que menos gosta nesta nova ordem que se instalou nas nossas vidas. Traz o cabelo solto — a cor normalmente ruiva brilhante tem agora um tom rubi escuro. Está completamente ensopada e a tremer. Quando a avó me contou que a minha mãe se limitara a marchar pela noite fora, quis perguntar-lhe por que motivo a deixou ir, porque não tentou impedi-la, mas não tive tempo. Quando recebi o telefonema da mãe da Cassie já andava na rua à procura da minha mãe.

Agora, de regresso a casa, por respeito à minha mãe, estou a tentar arduamente não me passar. O que teria acontecido se não estivesse ali para ir à procura dela? Ter-se-ia a minha avó recusado obstinadamente a impedir a minha mãe, determinada a marcar a sua posição, ainda na crença de que a filha estava apenas a fazer birra e que devia por isso ser ignorada? Dentro de pouco tempo já não estarei em casa. Na verdade, é suposto regressar a Londres para o último ano da universidade daqui a uns dias. E se já não estivesse cá? Que teria acontecido? A minha mãe andaria perdida no meio da chuva, e quem sabe quando seria capaz de ir para casa, se fosse?

Afinal, talvez até seja uma boa ideia não regressar à universidade — não que alguém aqui saiba da decisão. Talvez lhes pudesse dizer que foi por isto que decidi não regressar — porque a minha mãe precisa de mim.

A avó está à espera no corredor, com uma mão fechada por cima da outra e os lábios comprimidos numa linha fina. Está ansiosa, zangada e perturbada. A mãe fica imediatamente enervada mal a vê. Observo-as enquanto olham uma para a outra, furiosas, inseguras e cheias de rancor, e não sei o que fazer. Não sei como remediar esta situação, principalmente porque tenho a noção de que quando a verdade for revelada, o que eu fizer só terá piorado muito as coisas.

Tenho novamente aquela sensação doentia, a onda de enjoo que me inunda sempre que penso no que fiz, e afasto-a de mim. Tem de ser: não existia alternativa. A mãe está doente, muito doente, e toda a família se está a desmoronar à sua volta. Não tenho tempo para os meus próprios problemas, não por enquanto. Espero, espero pelo momento certo. Mas o momento certo pode nunca chegar e depois... Talvez seja melhor para todos se me for embora e pronto.

— Mamã! — A Esther, a minha irmã mais nova, avança a toda a velocidade em direção à mãe, abalroando-a. A mãe pega nela ao colo e tenta abraçá-la com força, mas está fria e encharcada, e a Esther contorce-se rapidamente para fora dos seus braços. — Estás a colar! Tenho fome, estou cansada, estou doente.

Este é o novo mantra da Esther sempre que as coisas não lhe correm de feição. Faz uma expressão tristonha e espeta o lábio inferior numa expressão rezingona — consegue sempre o que quer e a Esther sabe bem disso. Faz sempre a mesma coisa porque sabe que resulta tão bem com todos nós.

— Queres uns biscoitos antes de ires para a cama? — pergunto, oferecendo-lhe a coisa mais decadente de que me consegui lembrar, só para a ver sorrir. Assente com a cabeça e saltita, toda contente.

— Então vai lá — aceno em direção à sala de estar. — Vou já levar-te um pratinho com biscoitos. — A mãe larga-lhe a mão, libertando-a para a sala de estar, com os dedos a pairarem no ar durante uns segundos, talvez arrependida por ter largado a Esther.

— Onde é que estavas com a cabeça? — pergunta a avó à mãe num tom furioso.

— Ouve — digo, entregando à mãe uma toalha que fui buscar à casa de banho do piso térreo. Fica por instantes a olhar para ela e um segundo depois pego na toalha e seco-lhe o cabelo. — Não vale a pena falar disto agora, não achas? Não vale a pena atirares-te agora a ela. Quer dizer, se vamos mesmo analisar toda esta questão da culpa, podemos questionar-nos por que motivo saiu disparada daquela forma pela rua fora, não podemos? — Olho severamente para a avó, mas a observação passa-lhe ao lado.

— Fiquei terrivelmente preocupada — diz ela num tom acusatório. — Tens de entender, Claire, tens de perceber que não podes simplesmente...

— Avó — interrompo, dando um passo para me pôr entre as duas. — Avó, a mãe sabe isso tudo.

Não entendo por que motivo a avó está tão zangada. Percebo por que se sinta triste e desorientada, sem saber bem como lidar com tudo o que está a acontecer outra vez, mas não entendo a raiva. A raiva não faz sentido.

— Bem, fui apenas dar uma volta e... — a mãe acena para a porta. — E esqueci-me da cor das cortinas.

— Mãe, porque não vais tomar um banho quente, eu preparo-o para ti. — Gesticulo em direção às escadas, mas ela nem se mexe.

— Ainda consigo preparar o meu próprio banho — responde. — E de qualquer maneira, não me apetece tomar banho.

— Eu sei, mas... vou preparar-to mesmo assim. Podes relaxar um pouco e aquecer o corpo.

No instante em que me parece que vai concordar, aparece o Greg vindo da cozinha, acabado de regressar do trabalho. Traz um saco na mão.

— Olá, querida — cumprimenta. — Estás encharcada.

— Devias ganhar um prémio por constatares o óbvio! — Assim que o vê a mãe fica com uma expressão desconfortável e constrangida. — Na verdade, ia agora tomar um banho, por isso... — Olha para mim, na esperança de que a arraste pelas escadas acima e para longe do marido. Mas não o faço. Se houvesse uma forma de

a fazer olhar para ele novamente, de a fazer sentir-se bem ao pé dele... Se soubesse que ela se sentia pelo menos segura com o Greg, então talvez conseguisse falar com ela. Podia contar-lhe o que se passa comigo, como sempre fiz. Sinto-me ameaçada por uma inesperada sensação de perda e viro o rosto para longe das súplicas silenciosas mas óbvias da mãe e olho para o seu marido.

— Que trazes no saco, Greg?

Ele sorri, satisfeito com o que traz lá dentro.

— Queria apenas dar-te isto. — Leva a mão ao saco de papel pardo e tira o que reconheço de imediato como um caderno de apontamentos. É grande, de tamanho A4, com uma capa suave e brilhante de couro vermelho.

O Greg escolhera o caderno ideal para a mãe, porque a sua cor favorita é o vermelho. Tem imensas roupas dessa cor, embora seja ruiva e o vermelho não costume ficar muito bem a ruivos: cabelo vermelho, vestido vermelho, lábios e unhas vermelhas. Veste-se assim muitas vezes para ir para a escola — é a professora mais elegante do condado, possivelmente do mundo. Quando eu era pequena, costumava desejar que a mãe fosse menos vistosa quando me ia buscar à escola; costumava desejar que vestisse uma parka e umas calças de ganga, como todas as mães. Mas agora, o facto de se vestir bem para todas as ocasiões parecia-me um detalhe precioso, algo muito especial. Desde que esteja sempre bem vestida e arranjada, a mãe será sempre a minha mãe. Em certa ocasião, quando me queixei de que ela se destacava sempre por ser espampanante, explicou-me que o vermelho era a sua cor de princesa guerreira e que o batom vermelho era a pintura de guerra. Disse que se sentia mais corajosa quando se arranjava assim, e eu entendi-a. Entendia a necessidade de nos sentirmos corajosas; mas foi um choque para mim perceber que não era algo que lhe chegasse naturalmente. Não sei ao certo que idade tinha nessa altura, talvez andasse perto dos 10 anos, mas lembro-me bem disto porque na altura tive a sensação de que sabia de uma coisa que fazia de mim uma menina um pouco mais crescida. E à medida que fui crescendo, mais esta noção fazia sentido

e melhor a entendia. A minha mãe lutava por algo desde que me lembrava de ser gente.

Esta é a primeira batalha em que se envolve e que sabe que não pode ganhar.

— É um livro de recordações. — O Greg estende-lhe o caderno. — Para ti; para todos nós. Para escreveres. Lembras-te de como a Diane disse que te podia ajudar?

Não estive presente quando a minha mãe foi à primeira sessão com a psicóloga, a Diane, nem ouvi falar da ideia de escrever as coisas que fossem importantes para si — tudo o que pudesse ter algum significado. A ideia de um livro de recordações intrigara a minha mãe, que na altura brincara «Quem me dera ter pensado nisso antes de ter ficado sem um parafuso».

— Sim, recordo-me do livro de memórias para me ajudar a lembrar das coisas — diz a mãe, sorrindo cuidadosamente.

É o seu sorriso educado, o que usa para as reuniões com o gerente de conta e para cumprimentar os encarregados de educação nas reuniões. Não é um sorriso real. Questiono-me se o Greg também dará por ele, e parece-me que sim. Eu costumava ser a única pessoa do mundo que entendia verdadeiramente a minha mãe, e ela, a única que me entendia também a mim. É claro que sempre tivemos a avó, a terceira *mosqueteira*, e todas nós nos amávamos ferozmente. Mas de certa forma, a avó sempre esteve um pouco fora do compasso. Tudo o que diz e faz parece irritar a mãe, e tudo o que a minha mãe diz e faz parece desiludir um pouco a avó. Ao longo dos anos, já me habituei àquela dinâmica, à implicância constante entre as duas; só recentemente comecei a questionar-me por que motivo elas nunca estavam em paz. Mas, de qualquer maneira, eu era a única que entendia a mãe — a única a quem ela pertencia verdadeiramente — até aparecer o Greg. Quando surgiu nas nossas vidas, tinha eu 15 anos, já não era bem uma criança, mas mesmo assim fiquei cheia de ciúmes e muito zangada; não o queria por perto, embora tivesse plena consciência de que não estava a ser justa. Só quando percebi que ele também a entendia, exatamente da mesma

forma que eu, consegui aceitar a realidade: o Greg não ia a lado nenhum e a mãe agora pertencia-nos aos dois.

A minha mãe estende a mão e aceita o caderno.

— É um caderno muito bonito, muito bem feito. Obrigada — diz educadamente.

Vamos os três atrás dela enquanto se encaminha para a cozinha e pousa o caderno em cima da mesa.

— Sempre quis escrever um livro, sabem? Sempre pensei que o sótão fosse um sítio excelente para escrever livros.

Nenhum de nós olha para os outros. O tempo em que nos entreolhávamos por cima da cabeça da mãe quando ela fazia ou dizia alguma coisa um pouco estranha chegou ao fim há algumas semanas, quando percebemos que esses momentos iam começar a suceder diariamente. Acho espantoso como uma coisa que inicialmente nos parecia tão extraordinária se tornou normal, uma parte do nosso pequeno mundo, um mundo onde a mãe manda sempre. O característico aperto de tristeza ainda acompanha estes momentos, mas os olhares e a incredulidade já desapareceram.

— Tu *já* escreveste um livro — relembro-a. — Não te recordas do teu romance?

Está na gaveta da secretária vazia e abandonada no sótão, com as suas 317 páginas, unidas com um elástico comprido, fino e vermelho, esticado ao máximo. A mãe insistira em imprimi-lo porque dizia que um livro não era um livro até ter páginas em papel, e lembro-me de que o leu de uma ponta à outra num único dia; depois guardou-o na gaveta e desceu as escadas. Tanto quanto sei, nunca mais lá voltou. Nunca fez nada com o livro, nunca pediu a mais ninguém para o ler, nunca o enviou a um agente ou editora e nunca mais voltou a falar dele. Dizia que quando o nosso trabalho era a literatura — fosse a ensinar, a ler, a estudar ou a amar os livros —, devíamos pelo menos fazer uma tentativa de produzir uma obra nossa. Foi isso que fez e estava feito.

Quando a Esther fez 6 meses e me consideraram suficientemente sensata para não a matar acidentalmente se ficasse a tomar



conta dela, a mãe e o Greg foram passar a noite a um hotel, muito perto de casa, só para estarem um bocadinho a sós. Assim que a Esther adormeceu no berço, puxei as escadas do sótão e subi. Cheirava a humidade, a velho e... a vazio. Estava prestes a tirar o livro da gaveta para o ler. Andava há muito tempo a planear fazê-lo e aquela era a minha oportunidade. Queria saber sobre o que era o livro, como estava escrito, se era bom ou não, e uma parte de mim, uma parte da qual não me sinto particularmente orgulhosa, desejava que não fosse. A mãe sempre fora tão boa em tudo — até o facto de se ter apaixonado, quando finalmente aconteceu, parecia saído de um filme — e por vezes achava impossível seguir-lhe os passos, mesmo agora que começara a fazer tudo ao contrário. Mas assim que pousei a mão no puxador da gaveta da secretária, mudei de ideias. Nem sequer a abri. Entendi pela primeira vez na vida que toda a gente precisa de ter segredos e que por vezes esses segredos não devem ser descobertos. Todos nós precisamos de alguma coisa que seja completamente privada. Tive a sensação de que se lesse o livro, podia mudar alguma coisa, e não queria que as coisas mudassem. Mas julgo que desejar não era o suficiente para que as coisas se mantivessem como estavam.

— Aquilo não é bem um livro — diz a minha mãe, sentando-se à mesa da cozinha e abrindo o caderno aleatoriamente numa página vazia. As folhas são grossas e ondulantes, o papel cor de leite, ligeiramente texturado com minúsculas estrias que quase arranham a ponta das canetas: é exatamente o tipo de papel em que a minha mãe mais gosta de escrever. O Greg e eu sabemos disso. O papel é rijo ao toque; resiste suavemente enquanto ela vira as páginas. Observamo-la à medida que encosta o rosto ao caderno, repousando-o na almofada de páginas, e é um gesto tão próprio da minha mãe — algo que teria feito não obstante a sua condição —, que me sento um pouco reconfortada. É engraçado como as peculiaridades, os gestos estranhos, podem ser também os mais reconfortantes.

— Essa história toda do livro foi mais uma questão de descarregar o que tinha cá dentro — diz, levantando a cabeça das páginas

e alisando-as com a mão. — Acho que tinha de o tirar do meu sistema. Talvez seja até por causa da Alzheimer. Talvez já estivesse em vias de esvaziar a cabeça. Cabeça vazia, sótão vazio, faz sentido.

Sorri para o Greg, com aquele sorriso educado que usa nas reuniões de pais.

— O caderno é maravilhoso. É perfeito. Obrigada.

O Greg toca-lhe no ombro e ela não se afasta. É doloroso ver como se sente aliviado com isso.

— Esse caderno é minha — diz a Esther quando aparece junto da mesa, provavelmente à procura dos biscoitos há muito prometidos. O nariz chega-lhe pouco acima do tampo. — É minha para fazer desenhos, não é, mamã?

Interrogo-me se a Esther tem alguma ideia de como se tornou importante para todos nós, como contamos com ela para nos fazer rir. Olho para ela e imagino como aconteceria, como é possível que uma pessoa tão completa e única saia de dentro de outra. Uma pessoa tão pequenina mas tão essencial para todos nós: ela é o nosso sorriso coletivo.

— Pode ser minha, mamã, por favor? — pergunta a Esther docemente. — Sim?

Desde que a Esther fez 3 anos que todos aprendemos que, regra geral, mais vale não discordar abertamente dela, não vá o famoso temperamento Armstrong dar um ar da sua graça e fazê-la atirar qualquer coisa a alguém, ou bater em alguém, ou deitar-se no chão a chorar como a verdadeira *drama queen* que é. Ninguém se importa muito com isso, pelo menos não eu nem a mãe. Ambas temos o mesmo temperamento Armstrong, e vê-lo refletido na Esther só confirma que ela é uma de nós. Em vez disso, a mãe sabe gerir bem os seus repentes, concorda com ela ou muda de assunto e fá-lo de tal forma que embora a pequena tirana não leve sempre a sua avante, não se apercebe de que assim é. A mãe é brilhante a gerir a Esther, a ser mãe dela, julgo que é esta a expressão adequada. Ultimamente observo-a a todo o instante. Tento até tirar notas. As coisas que faz, a forma como sorri, as piadas que conta e o que diz. Todas as coisas

que costumava fazer por mim quando eu tinha 3 anos, presumo, mas que na altura também me passavam ao lado. Agora, preciso de reparar — preciso de saber como ela faz tudo — para que, quando a altura chegue, eu seja capaz de cuidar da Esther exatamente como a minha mãe cuidaria. É a única coisa que posso fazer, e que faz com que tudo o resto, toda a terrível confusão que trouxe para a minha vida, pareça ainda pior. As outras pessoas da minha idade podem cometer erros, mas não eu. Não posso, não tenho tempo para isso. Tenho de estar presente para a Esther; tenho de lhe proporcionar a vida segura que a mãe lhe teria proporcionado.

— Sim, é claro que podes desenhar nele — responde a mãe, pegando numa caneta e entregando-a de imediato à Esther. Vejo o Greg estremecer, mas a mãe estende o braço e segura-lhe na mão. O toque dela acaba imediatamente com toda a tensão do corpo dele. — Este livro não é só para *eu* escrever, pois não? — pergunta, sorrindo para ele, o sorriso de professora substituído, pelo menos por breves instantes, pelo sorriso que encerra todos os significados do mundo. Lembra-me a minha foto favorita do casamento deles: a mãe a olhar para cima para o Greg e ele de pé, atrás dela com um sorriso idiota no rosto, mas tão, tão feliz. — É um livro onde todos poderão escrever. É para as minhas recordações, mas também para as vossas. É um livro para todos nós. E a Esther pode ser a primeira.

O Greg puxa uma cadeira e senta-se ao lado da mãe, enquanto a Esther sobe para o colo dela, com a ponta da língua entalada nos lábios à medida que começa, muito concentrada, a fazer linhas no papel com a esferográfica que a mãe lhe entregou. Observo-a enquanto desenha dois círculos — um grande, outro pequeno — e depois os enche com pontinhos a representar os olhos, o nariz e uma linha para um enorme sorriso rasgado. A seguir desenha pequenos riscos a partir dos círculos, representando os braços e as pernas. Dois dos braços tocam-se, e a Esther rabisca o ponto de união, uma pequena espiral para mostrar que estão de mãos dadas.

— És tu e eu, mamã — diz, muito satisfeita com o seu trabalho.

A mãe abraça-a com um pouco mais de força e beija-lhe o topo da cabeça.

— É a forma perfeita de começarmos este livro — diz. O Greg coloca o braço por cima dos ombros dela e vejo que estes se retesam, por um breve instante, antes de descontraírem. Olho para ele.

— Podes escrever a data por baixo?

O Greg escreve «A mamã e eu, por Esther» e a seguir a data.

— Aqui está — a mãe sorri, e observo o seu perfil. Por instantes, parece feliz e descontraída. — A primeiríssima entrada do Livro de Recordações.



## *Quando a memória já não consegue guardar o amor... o que nos resta?*

Um marido encantador, duas filhas lindas, um trabalho de que gosta — Claire Armstrong parece ter tudo, até que lhe é diagnosticada a doença de Alzheimer. Todos os que a rodeiam têm de aprender a lidar com uma nova Claire, enquanto tentam habituar-se ao desaparecimento da mulher que amam.

Através de um livro de memórias, que vão construindo em família, recolhem as peças de uma vida que não estão preparados para deixar desaparecer. Até que a relação que surge de um encontro casual com um homem misterioso leva Claire a interrogar-se sobre o futuro do seu casamento e da sua família.

Com Claire incapaz de fazer o seu casamento resultar, de tomar conta das filhas, ou sequer de garantir a sua própria segurança, os desafios são imensos. Será que a família vai resistir às notícias que a filha mais velha tem para contar e à intromissão do misterioso homem na vida familiar?

«Dolorosamente real e de partir o coração.»

**Lisa Jewell, autora de *A Casa Onde Crescemos***

*Da mesma autora, leia também um livro doce e emotivo sobre a vida, o amor e a capacidade para perdoar:*



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

**20|20 editora**

ISBN 978-989-8855-30-5



9 789898 855305

Literatura Traduzida

